

MOBILIDADE HUMANA. FECUNDIDADE ECLESIAL.

O dinamismo missionário da Igreja Local

Carmem Lussi*

Introdução

Agradeço o convite da Direção do Instituto São Boaventura para a Missiologia aqui no Open-ISB, e para este momento. A publicação de meus estudos de introdução ao tema da missão da igreja, com o foco na mobilidade humana, foi uma pequena contribuição que realizei durante os estudos realizados em Roma, quando ainda as publicações sobre teologia e migração eram muito raras e, sobretudo, repetitivas. O livro foi entregue para a primeira edição, em italiano, ainda em 2003¹ e em português no início de 2006. Todavia, as perguntas que me orientaram nas pesquisas de então, são as mesmas que fomentam muitas de minhas reflexões ainda hoje e me desafiam na ação pastoral:

- existe uma missão específica que a igreja é chamada a cumprir em relação às pessoas em mobilidade?
- Se sim, qual? E onde está esta especificidade?
- Se não, como as pessoas em mobilidade participam do povo a caminho – se estes vivem sedentarizados e aquelas, por definição, não podem ou não querem se permitir este luxo (e risco)?
- O que tem a igreja a dizer aos homens e mulheres que migram? E estes, o que dizem à igreja? Como escutar esta “palavra”? E como integrá-la nas ações, nos pensamentos e nos orçamentos das comunidades territoriais de hoje?
- Enfim, o que os e as migrantes e itinerantes, assim como as pessoas deslocadas e refugiadas, têm a ver com a vitalidade da igreja, com a missionariedade das comunidades e das estruturas eclesiais maiores; e, ainda, o que a mobilidade humana tem a ver com o jeito missionário de ser cristão?

Essas e outras interrogações estão na origem das reflexões que partilho com vocês hoje, dialogando um pouco com alguns teólogos e teólogas² que me forneceram certas categorias e

* Aula inaugural do ano acadêmico de 2008 no Instituto São Boaventura Open-ISB, Brasília/DF. Carmem Lussi é missióloga e dirige o CSEM – Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios de Brasília/DF.

¹ Hoje contamos também com mais um documento que atualiza as diretrizes da Igreja em matéria, de 03 de maio de 2004: a *Erga migrantes caritas Christi* -

http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/migrants/s_index_generaldocuments/rc_pc_migrants_gendocuments_po.htm

² Alguns volumes que inspiraram esta reflexão: ANTONIETA POTENTE. “Evangelho, missão, inculturação: tentativa hermenêutica” in SOTER E AMERINDIA (Orgs). *Caminhos da Igreja na América Latina e no Caribe. Novos desafios*. São Paulo: Paulinas, 2007, pp. 413-432; CLAUDE GEFFRE. *Crer e interpretar. A virada hermenêutica da teologia*. Petrópolis: Vozes, 2004; FERNANDO DIAZ. “Identidad, alteridad, relación” in *Spiritus* 46/3, 180, 2005, pp. 73-94; GIOVANNI GRAZIANO TASSELLO. “Los migrantes: profetas de la catolicidad” in *Spiritus* 42/2, 163, 2001, pp.113-124; GUSTAVAO GUTIERREZ. “Povertà, migrazioni e opzione per i poveri” in GIOACHINO CAMPESE E DANIEL GROODY (a cura di). *Missione con i migranti Missione della Chiesa*. Città del Vaticano: Urbaniana University Press, 2007, pp. 67-81; JOEL PORTELLA AMADO. “Jesus Cristo e o diálogo com as culturas urbanas na América Latina” in ELOI DIONISIO PIVA (org.). *Evangelização. Legato e perspectivas na América Latina e no Caribe*. Petrópolis: Vozes, 2007, pp. 253-281; LORENZO PRENCIPE. “Migrazioni, società multiculturali, pluralismo religioso” in *Euntes docente* 59, 3, 2006, pp. 105-127; “O mundo migrante: passos para uma teologia e espiritualidade” – *Revista Espaços* 14/1, 2006, pp. 125; PAUL F. KNITTER. “A transformação da

perspectivas que ajudam a aprofundar a compreensão e quem sabe a motivação do dinamismo missionário, no contexto desta igreja local, que é nossa Casa.

Missão e teologia a serviço da fé

Nos propomos uma reflexão teológica sobre a missionariedade e sobre a missiologia, e para isto nos serviremos de algumas das intuições do grande Claude Geffré.³ Na maturidade de sua reflexão teológica, ele diz que fazemos teologia para interpretar o que é a fé em Jesus Cristo, dentro da experiência histórica contemporânea. A teologia da missão, assim como uma missionária como eu aprendeu a pensá-la, é esta mesma: missão; e é assim porque existe uma “urgência missionária” que muitas vezes vem à tona em estudos e, sobretudo, em pronunciamentos oficiais: qual é essa urgência senão o caráter imprescindível do encontro com Jesus Cristo nas características de seu amor totalizante, independentemente do tipo de atividade que a faz nascer ou que dela pode nascer?

É nesta perspectiva, que vê a teologia em geral e a missiologia em particular, ambas como missão a serviço da fé, que vamos olhar para a mobilidade humana vendo-a como *kairós* para a fecundidade eclesial. De fato, o dinamismo missionário da igreja local não distingue o papel da missionariedade, como saber e projetualidade sócio-pastoral, daquele da interpretação de fé dos movimentos populacionais ou dos dinamismos sócio-culturais que marcam os contextos onde uma igreja local tem o chão e o céu. As raízes que tenta colocar para entrar no mais profundo de sua cultura e realidade local, as metas que entende alcançar e os motivos pelos quais caminha e luta.

Se é verdade, como acreditamos, que a teologia se faz porque é um jeito de viver e servir a fé, a igreja e edificar o Reino, então nossa reflexão é (uma) nossa contribuição para re-desenhar a fisionomia dessa igreja à qual pertencemos, pois somos uma parte viva dela e fazemos nossa parte de esforço buscando interpretar o sentido daquelas palavras do Mestre e daquelas que os discípulos missionários/as antes de nós entregaram para o hoje, entregaram para este contexto, esta população em movimento, em muitos sentidos, que não quer só um novo discurso, mas também um novo fazer eclesial.

Esta diocese, mas com a Conferência de Aparecida sabemos (e esperamos que seja) toda a América Latina se pergunta, tenta e faz passos novos na (re)descoberta de sua vocação missionária, como se fosse possível existir igreja, que não seja missionária. O que emerge rapidamente é a memória da dignidade e do caráter singular (e até por vezes pitoresco) da missão *ad gentes*, pensada, normalmente, distante dos protagonistas atuais, geograficamente, sociologicamente senão mesmo espiritualmente. Mas para a *missio ad gentes* não eram os “filhos melhores” das igrejas locais que deveriam ser enviados?⁴ ...porque é a igreja que vai em missão, não os missionários ou missionárias. O discurso leva aos sujeitos mesmos que o pronunciam e aos comentários sobre as formas nostálgicas ou desanimadas de vivência cristã, muitas vezes lamentada como medíocre. Aparecem reflexos de tudo aquilo que hoje falta nas comunidades.

missão no paradigma pluralista” in CONCILIUM 319, 2007/1, pp. 99-109; SANDRA MAZZOLINI. “Il primato della missione evangelizzatrice della Chiesa” in *Euntes docete* 60, 2, 2007, pp. 47-65; STEPHEN BEVANS. “Missione tra i migranti, missione dei migranti: missione della Chiesa” in GIOACHINO CAMPESE & DANIEL GROODY (a cura di). *Missione con i migranti Missione della Chiesa*. Città del Vaticano: Urbaniana University Press, 2007, pp. 83-104; TARCISIO JUSTINO LORO. “Perspectivas para a pastoral urbana” in *Revista de Cultura Teológica* 14, 55, abri/jun 2006, pp. 109-133; VOLNEY JOSÉ BERKENBROCK. “Perspectivas e desafios para a evangelização na América Latina: constatações a partir do outro lado” in ELOI DIONISIO PIVA (org.). *Evangelização. Legato e perspectivas na América Latina e no Caribe*. Petrópolis: Vozes, 2007, pp. 216-252.

³ CLAUDE GEFFRE. *Crer e...* ...

⁴ Cf. *Fidei donum*.

Quem não se deparou em uma roda de choros e imprecações contra aquilo que não quer ser como igreja local, mas é?

Por vezes, pensamos a missão como remédio em tempo de crise, como quem imagina, mesmo sem acreditar de verdade, que seja possível retornar à cristandade, quando todos se pensavam cristãos, ou fingiam sê-lo. Nós, ao menos nós que estamos aqui, (supõe-se que) queremos uma pertença eclesial que não seja somente verniz, um batismo que seja processo para a maturidade cristã que nunca acontece definitivamente e queremos, também, um trabalho neste contexto que saiba dizer o porquê: da participação, do batismo e também dos significados de suas variáveis, as coerentes e as incoerentes, porque estudamos teologia não para aprender o que o professor também aprendeu para ensinar e depois esquecer, mas para saber dar razões de nossa fé e de todas as formas que a contradizem, para superá-las e recriá-las, sempre pela mesma fé.

E para este momento, vamos buscar razões de fé na leitura da presença de Deus nas vias da mobilidade humana, somente para olhar por um momento e por uma janela; porque, “não é a igreja que define a missão, mas é a missão que delineia o rosto de uma igreja que busca ser na história o sinal do Reino de Deus”⁵, neste espaço e neste tempo que é o nosso. O desafio missionário intra-ecclesial não é o aumento de filhos pelo batismo, mas a diminuição de filhos analfabetos, a quem a Palavra de Deus não diz nada e sua explicação não interpreta nada de suas vidas, a de hoje, não a que já se foi tampouco a que não se sabe se virá, porque o cristianismo não é “em primeiro lugar uma mensagem na qual se deve crer, mas uma experiência [existencial] de fé que se torna uma mensagem”.⁶

Mobilidade humana

Nesta diocese o fenômeno migratório tem traços bem conhecidos e até homogêneos. Ao menos na consciência veiculada pela mídia e a informalidade local: uma cidade construída por migrantes, habitada por uma população que muda muito de residência por razões de estudo e de trabalho e que cresce por um saldo migratório positivo constante, de pessoas sós e de famílias, ricas e pobres, jovens e adultas, que vêm de todos os estados da federação... podemos continuar as caracterizações, mas não é o objetivo deste momento.

Se o perfil sociológico é rapidamente traçado, o perfil humano e espiritual, quem o conhece? Quem o protege? Quem o acolhe quando necessita partilhar ou simplesmente quer participar para superar a solidão e a saudade? Quem o valoriza para que enriqueça a comunidade onde chega? Quem o favorece, para que possa produzir frutos, pelos anos e quem sabe decênios de aprendizagem, convivência, formação e partilha de caminhada em sua comunidade de origem, a quem renunciou com sofrimento e muita perda?

Quando um falso imperativo da caridade divide a comunidade entre os bons que estão dentro e os coitados ou ruins que estão fora, a serem ajudados, se possível ou desprezados pela indiferença na maioria das vezes, os bons são os praticantes da paróquia ou do movimento que estão do lado de dentro, enquanto que as famílias, os homens e as mulheres migrantes são os que estão do lado de fora. São eles e elas igualmente “bons”? Se sim, por que estão fora? Quando a comunidade acolhe na porta da igreja quem chega, os migrantes nunca chegam até a porta da igreja. Quando a comunidade fechou há dois meses as inscrições da catequese, os filhos dos migrantes chegam no bairro e somente depois de mais um mês chegam até a catequista, mas estão fora do povo de Deus que caminha ordenadamente segundo os programas pré-estabelecidos e não podem entrar no trem andando. Quando os jovens paroquiais e dos movimentos se encontram, celebram, festejam, os jovens migrantes são diferentes demais para amalgamar e não conseguem

⁵ FAUSTINO TEIXEIRA. *Introdução*, in CLAUDE GEFFRE. *Crer e...*, p. 19.

⁶ EDWARD SCHILLEBEECKX, apud CLAUDE GEFFRE. *Crer e...*, p. 41-42.

se inserir. Quando o leitor migrante chega na comunidade depois de ter servido a Palavra de Deus e sua comunidade a vida inteira, ele precisa “merecer” para entrar no grupo dos leitores, porque não sabe o protocolo e as demais ritualidades locais. E tudo na mais boa vontade.

Cito esses exemplos, para não citar todas aquelas imagens estereotipadas da migração sob o prisma da pobreza, da miséria e da exclusão social, que todos e todas bem conhecem.

Trata-se de deixar-se interpelar por outras realidades, menos óbvias e talvez mais flexíveis, que circundam as comunidades e falam à igreja. O que falam? Já foi usado outro vocabulário como sinais dos tempos, desafios, *kairós*... O discurso não pode se reduzir ao modelo simplista, que entende todo migrante como pessoa em situação de miséria a quem “basta” socorrer na emergência de primeira necessidade, seja pelas políticas de assistência seja pelos “vicentinos”. Esclarecendo que não dá para esquecer que a pobreza e a violação generalizada dos direitos fundamentais são os grandes motores de migração.

A questão não se põe em termos de tarefas a cumprir, mas como linguagens, formas e projetos comunitários que implicam relações, modelos organizativos, metas a médio e longo prazo, estilo de convivência etc... A mobilidade humana, assim como a mobilidade social e a migração religiosa, para citar somente mais dois fenômenos cruciais, não é um problema contextualizado a ser resolvido, tampouco é uma situação contingente a ser gerenciada (como se depois daquela família não viessem muitas outras e com exigências diferenciadas). É a erupção da alteridade – enviada por Deus como benção para uma igreja local, que pode desestabilizá-la, colocá-la em movimento interno, até desinstalar suas acomodações e obviedades superadas ou fossilizadas.

Trata-se de uma alteridade, em meio a tantas outras mais ou menos neutralizáveis, que chega com um incômodo, normalmente como desordem, como o caos primitivo, contendo o Espírito doador de vida. Mas somente vai fecundar se encontrar e conseguir se relacionar com os espaços, as relações, os conteúdos portadores de vida da comunidade.

Fecundidade eclesial

Falamos de mobilidade humana (aquela das migrações e porque não aquela da circularidade de funções e de serviços numa comunidade local?) e buscamos fecundidade eclesial. Todas elas: a da parábola, que entende os membros da comunidade como gente viva e a caminho, terra boa que acolhe a palavra e produz 30, 60 e até 100 por um, menos as vezes que deixa sufocar a palavra pelos ritmos de trabalho, as fofocas, os ciúmes; e também, menos as vezes que nem consegue brotar, porque o objetivo não era crescer na fé, mas manter a instituição, conservá-la o mais “perfeitinha” possível segundo modelos fossilizados e incoerentes recebidos. Mas, pensamos também na fecundidade da chegada de gente de outros movimentos e pastorais com idéias novas em nosso grupo, da coragem de cortar curto e grosso, se preciso for, com quem destrói os brotos e apaga as chamas fumegantes; da flexibilidade para que peregrinos e peregrinas, que caminham a passo alterno ou que pararam por um tempo, possam pegar o ritmo dos passos de quem iniciou o percurso antes ou depois da maioria; para que a palavra de Deus entre como semente fecunda também no seio dos grupos que trabalham, trabalham e trabalham sem parar (de reclamar)...

Existe uma fecundidade que as migrações realizam na igreja que tem a ver com a ruptura da pastoral de conservação das coisas boas contra as ótimas e das que não se sabe porque continuam contra as novas. Essa fecundidade tem tudo a ver com aquela do grito libertador das “teologias hemorrágicas”, que perdem a voz argumentando as claríssimas razões pelas quais fizeram bem ir embora aquele e aquela que não concordavam conosco e que queriam fazer tudo diferente, ao invés de se deixar questionar. “É por isto que a alteridade, a relação com o outro, a

hospitalidade para com o estrangeiro não são simplesmente opções de ordem ética, opções facultativas; elas dependem de uma exigência de natureza e assim atestam a alteridade de um Deus sempre maior”.⁷

O que as migrações sempre realizaram, ao menos lá onde se deram fluxos numericamente expressivos, foi uma transformação – por vezes imposta – da fisionomia da comunidade local ou até da igreja local. Porque seriam necessários fluxos expressivos e inéditos, se vem de Deus e é *kairos* para a igreja de Brasília hoje? Trata-se de pensar a si mesma como uma comunidade aberta, que na acolhida e incorporação das pessoas migrantes e dos e das peregrinos existenciais, permite ao Espírito fazer novas todas as coisas, até mesmo as estruturas físicas e organizativas consolidadas no tempo. Sabe-se que isso tudo tem a ver com os modelos eclesiológicos adotados, mas como aqui estamos em sede acadêmica e não no conselho pastoral, buscamos entender significados e estratégias que iluminem os percursos, que os protagonistas possam atuar a tempo e espaço oportuno. O que importa aqui é saber as razões e, portanto, ter a visão da igreja que o Pai nos oferece para realizar no Senhor, pelo Espírito. “É preferível considerar a missão como expressão da própria natureza da igreja. Em última instância não é a Igreja que define a missão, mas é a missão que define a fisionomia da igreja, a fim de que ela seja o sinal escatológico do Reino de Deus. Em outras palavras, a igreja não está a serviço dela mesma, mas a serviço do Reino de Deus, e só o Reino de Deus é absoluto”.⁸

O foco nas migrações para falar da missionariedade não é homilética ou sociologia de parte, mas é a “procura da relevância teológica da experiência em que se apóia toda a iniciativa pastoral em prol dos migrantes, ou seja, o encontro com os migrantes como experiência genuína de fé, como ação potencialmente capaz de incorporar o migrante à igreja e fazer a igreja se reconhecer na experiência de fé e de vida dos migrantes”.⁹ Para que os desafios que os migrantes e todos os tipos de alteridade representam para a igreja se transformem em *kairos*, existe o “culturalmente correto” a ser transgredido e a identidade arraigada no passado para proteção das inseguranças, que necessita ser superada. Apesar do peso histórico da hegemonia da tradição cristã católica, há como resgatar e dar consciência ao fato que a “identidade da igreja lhe deriva de sua missão. Quer dizer, da ação de sair de si mesma confiando como os patriarcas no chamado que ouviram de Deus e na sua promessa de uma nova terra. Nesta saída de si mesma a igreja [a paróquia, o movimento, a pastoral] não corre o risco de perder sua identidade porque é justamente saindo de sua terra segura que consegue ser fiel à sua vocação essencial, à sua missão. Sua identidade... brota de fora de si, de seu movimento em missão em direção aos outros”.¹⁰

Dinamismo missionário: indícios

Se a fenomenologia nos oferece traços das características da mobilidade humana e da fecundidade eclesial, assim como da relação entre as duas, quais podem ser os indícios de que a igreja que se deixa interpelar pela realidade das migrações é viva ou que um dinamismo vital recria e desenvolve graças, atores e projetos de missionariedade em uma igreja local? O paradigma por excelência da missionariedade é, ainda, o envio *ad gentes*; portanto, vamos indicar alguns elementos que, cronologicamente e prioritariamente, o precedem, pois são condição de autenticidade do mandato missionário *ad gentes*:

a) “**À mobilidade do mundo moderno deve corresponder a mobilidade pastoral da igreja**”. Essa frase de Paulo VI, pronunciada ainda no ano de 1965, é como um refrão para nós missionários e missionárias nas vias das migrações. O primeiro indício do dinamismo missionário

⁷ CLAUDE GEFFRE. *Crer e...*, p. 168s.

⁸ IDEM, p. 172.

⁹ SIDNEI MARCO DORNELAS. “Fazer teologia...”, p. 55.

¹⁰ FERNANDO DIAZ. “Identidad...”, p. 88.

é o mal-estar de quem sabe que tem muito caminho pela frente e se põe em discussão, diferentemente dos críticos profissionais e dos chorões, que sabem tudo o que não vai no clero e nos líderes, mas que não conseguem ativar processos novos, não abrem brechas que traduzam em processos históricos a mobilidade do *ruah* que faz novas todas as coisas, nem sempre recuperando o que já está consumado. Não no sentido de popularismos, para agradar, mas no sentido da pobreza, tudo o que temos é a serviço, mesmo as idéias, os recursos, os espaços, as relações, as amizades, os diplomas, os ideais... Os processos de mobilidade eclesial que as migrações (mas também os jovens, a ecologia, os pobres...) suscitam são uma forma de “evento criativo”, um grão de mostarda plantado em terra boa.

b) **Autoevangelização:** evangelização, criatividade, fidelidade, rigor... não somente dos e para os pobres, não somente dos e junto aos migrantes. Não tenho certeza que a categoria a usar seja mesmo auto-evangelização, mas o conteúdo é logo evidente: o centro é o Reino de Deus, a razão da jornada é Jesus Cristo, toda atitude farisaica é anti-evangélica, mesmo a que pode vir com vestes de louvor e reconhecimento. A maturidade ou autenticidade da vida crista é o outro lado da balança. Não tem nada a ver com a quantidade de horas em oração ou com os sacrifícios devocionais ou econômicos. Tem a ver com a catolicidade, com plenitude no amor. Tem a ver com a qualidade evangelicamente feliz da vida cotidiana. Antonieta Potente tem um parágrafo muito lindo sobre este assunto: “O princípio do evangelho, da missão e da inculturação são as recordações; mulheres e homens, intérpretes de uma experiência, intérpretes de sentimentos, acontecimentos, segundo o eco de sua própria memória; atitude mística perante a vida, iniciativas para poder, pelo menos, roçar o mistério... nada a ver, então, com uma mensagem estática repetida, mas transmissão fluida de algo acontecido e experimentado: as mulheres voltaram dizendo que... (Lc 24, 22-23)”.¹¹

c) **Pobres, mas igualmente filhos:** tomo uma citação sintética e muito clara de Gustavo Gutierrez sobre a relação entre migração e pobreza, para as comunidades cristãs e para a teologia: “a relação entre pobreza e migração na perspectiva da opção preferencial pelos pobres comporta, pelo menos, duas implicações: a primeira é que o nosso compromisso pelos pobres e pelos migrantes tem a ver com sua dignidade humana, o que inclui a possibilidade que possam ter seu destino em suas mãos. Mais uma vez nos deparamos com um processo que exige que cada pessoa se torne sujeito de sua própria história. /.../ A segunda consequência é que a teologia é sempre uma hermenêutica de esperança. Na primeira carta de Pedro é apresentada como a razão de nossa esperança (3, 15) e isto significa fazer teologia. A teologia da migração deve portanto compreender a si mesma nesta perspectiva”.¹² Portanto, solidariedade responsável e libertadora, unida à relações e projetos de esperança.

d) **Filhos e não cachorrinhos:** “O papel da igreja local não é somente o de responder às exigências dos migrantes e de acompanhá-los em sua viagem, mas também de chamá-los e de prepará-los para a missão, seja na igreja que no mundo”¹³: trata-se de sair da tentação de considerar que existem os cristãos de classe A e os demais de classes e direitos e dignidade inferior. Não na teoria, é claro, na prática mesmo. A missão de acolhida da igreja inclui a inserção dos cristãos recém ou há pouco chegados na paróquia, como membros efetivos e com voz ativa, nos ministérios. Algo assim como ‘faço junto, logo sou’.

e) **Igreja de comunidades acolhedoras e solidárias com quem chega, mas corajosa e lutadora contra a obrigação de sair** e contra todas as perdas e injustiças que as migrações, pelo simples fato de existirem, o denunciam. Nem sempre as migrações são injustiça, mas muitas famílias precisam sair porque não têm o direito de ficar. As migrações, enfim, colocam a igreja de frente à sua missão na sociedade, junto às estruturas e à mentalidade consumista e opressora,

¹¹ ANTONIETA POTENTE. “Evangelho, missão...”, p. 423.

¹² GUSTAVAO GUTIERREZ. “Povertà, migrazioni...”, pp. 80-81.

¹³ STEPHEN BEVANS. “Missione tra...”, p. 102-103.

nas instâncias em nível macro e não somente na relação interpessoal. Macro eclesial, macro-político, macro-ideológico... “As migrações apresentam uma ocasião preciosa para refletir sobre as faltas pessoais e sociais que causam as várias formas de mobilidade forçada. Convidam a um processo de conversão e de reconciliação: trata-se de corrigir as situações de injustiça e de conflitos... e caminhar junto nos itinerários da descoberta do outro”¹⁴, de suas angústias, de suas ameaças, de suas perspectiva da vida e de morte. “A igreja realiza sua missão colocando-se ao mesmo tempo a serviço dos migrantes e se tornando missionária mediante os migrantes /.../ a igreja deve ser um lugar de repouso para os viandantes cansados... e uma frente de esperança para os exilados que caminham para a cidade de Deus”¹⁵, tudo contemporaneamente.

Missionariedade intra-eclesial: o desafio

Concluo citando novamente Geffré: “é muito importante para a identidade cristã lembrar que a prática cristã não é simplesmente uma exigência de autenticidade. Ela nos conduz a uma nova compreensão da mensagem que reivindicamos como nossa”.¹⁶ Esta certeza nos liberta da tentação de pensar que Deus é frágil e que temos que proteger o que é seu das ameaças dos que amam mudar ou ignorar o que ‘Ele nos deixou’. O melhor modo de não perder é re-inventar. Se a igreja é evangelizadora em processo de evangelização e não uma instituição arcaica, esquizofrênica, rica e aliada aos mecanismos do poder a serviço de si, a alteridade trazida pelas migrações (e todas as outras alteridades provocadoras e desestabilizantes ou delicadas e persistentes como a gota de água que cai lentamente) é graça de Deus, que não vem para ficar. Vem e passa. Como o dinamismo da urbanização ou as exigências da pastoral urbana. Nunca para, e se para é porque aquele aspecto está ultrapassado.

Paradoxalmente, o desafio por excelência é repetido de tantos modos, mas todos dizem que o cristianismo ou o Evangelho precisam ser pensados a partir de perspectivas, categorias, mentalidades e disciplinas diferentes, o que não pode é se esconder na crença de que exista uma única forma eclesial que esgote suas possibilidades. “é o desafio do envio de Jesus: “ide!”. Ir ao encontro deste sujeito pós-moderno e de seu modo de ser. É a ele que o cristianismo quer se dirigir. Concretamente, a igreja cristã precisa resistir à tentação de inverter a direção do mandato de Jesus e transformar o desafiador e desinstalante “ide” num acomodado e instalado “vinde!”.¹⁷

Uma igreja que põe ao centro a primazia da evangelização deve entender esta escolha mais como uma presença da qual é continuamente “regenerada” do que uma tarefa ou um mandato para os outros. Encontrar o Crucifixo resuscitado é a experiência originária que nutre o crente e que alimenta as comunidades cristãs no tempo. Tal encontro configura a Igreja como uma Igreja toda pascoal, constantemente convocada pela Eucaristia do Senhor, com seu centro na novidade do Evangelho, capaz de cultivar relações leves, vitalizantes e novas, de gerar histórias de vida cristã, de imaginar formas incisivas de presença social. Nesta igreja pascoal, os sujeitos eclesiais recebem a graça e a responsabilidade de ser, no coração e na vida, anunciadores e testemunhas da única esperança que sabe dar respostas verdadeiras e completas às expectativas das pessoas e da sociedade.¹⁸

¹⁴ GIOVANNI GRAZIANO TASSELLO. “Los migrantes...”, p. 117.

¹⁵ STEPHEN BEVANS. “Missione tra...”, p. 85.

¹⁶ CLAUDE GEFFRE. *Crer e...*, p. 55.

¹⁷ VOLNEY JOSÉ BERKENBROCK. “Perspectivas e...”, p. 247.

¹⁸ SANDRA MAZZOLINI. “Il primato...”, p. 55-56.